

## **KALEVALA: A UTOPIA DA NARRATIVA PRIMORDIAL**

**Carolina Alves Magaldi**

**Doutoranda – PPG-Letras**

**UFJF**

### **RESUMO:**

O período Romântico foi caracterizado, em larga medida, pelos esforços em se associar língua e literatura aos ideais de povo e nação. Essa noção, baseada inicialmente nas teorias dos pensadores do movimento alemão *Sturm und Drang*, em particular de Herder, desencadearam uma busca por poemas e canções orais que viessem a representar culturas populares e, conseqüentemente, legitimar esforços de fundamentação nacional. É nesse contexto que propomos uma análise do épico nacional finlandês **Kalevala**. Publicado inicialmente em 1839 como resultado de incursões às regiões mais remotas da Finlândia, nas quais ainda se falava o finlandês, o poema foi organizado a partir de poemas e canções populares pelo médico e estudioso de gramática Elias Lönnrot. A proposta era organizar as canções em ordem cronológica, isto é, partir da recorrência de personagens e eventos nas canções coletadas reconstituir a narrativa original da qual todos os fragmentos teriam sido derivados. O impacto da publicação foi imenso: o finlandês passou a ser ensinado nas escolas, o poema inspirou as maiores obras artísticas finlandesas do século XIX, na pintura, escultura e música, além de ter inaugurado oficialmente a literatura finlandesa. Contemporaneamente o poema ainda é o tema do único feriado nacional finlandês e é tema de gravações de música *rock* e *pop*, além de filmes, peças de teatro e obras das artes plásticas. Nesse sentido, a *Kalevala* finlandesa exemplifica não só os intuítos nacionalistas do movimento Romântico, como também a busca utópica da narrativa primordial em um fenômeno que vem sendo reconstruído até os dias atuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** **Kalevala**, Romantismo, narrativa primordial

### **ABSTRACT:**

The Romantic period was characterized, to great extent, by the efforts to associate language and literature to the ideals of people and nation. Such notion, initially based on the theories of the German movement *Sturm und Drang*, particularly those of Herder, originated a quest for oral poems and songs which represented popular cultures and, consequently, which legitimated the efforts of national formation. In such context we propose an analysis of the Finnish epic **Kalevala**. Published initially in 1839 as a result of journeys to the farthest regions of Finland, where the Finnish language was still spoken, the poem was organized based on popular poems and songs by the physician and grammarian Elias Lönnrot. He proposed to organize the songs in chronologic

order, that is, based on the reoccurrence of characters and events in the collected songs he would reconstitute the original narrative from which they all had derived. The impact of the publication was immense: the Finnish language began to be taught at school, the poem inspired the greatest Finnish works of art of the XIX century in painting, sculpture and music and inaugurated the Finnish literature. Nowadays the poem is still celebrated in the only Finnish national holiday and is the theme of *rock* and *pop* music recordings, and also of films, plays and fine arts works. As such, the Finnish *Kalevala* exemplifies not only the nationalistic purposes of the Romantic movement, but also the utopian search of the original narrative in a phenomenon that has been recreated until nowadays.

**KEYWORDS:** *Kalevala*, Romanticism, original narrative

Em suas primeiras obras, o estudioso pré-Romântico Johann Gottfried Von Herder reorganizou o mapa literário europeu ao publicar textos teóricos e coletâneas de poemas populares, contrapondo-se ao modelo literário francês e defendendo a peculiaridade de cada Estado nascente, baseada em sua cultura popular. Nesse sentido, seus trabalhos contribuíram, no campo das iniciativas literárias, para a formação dos Estados Nacionais europeus. Segundo Pasquale Casanova:

A nova definição que ele (Herder) propõe tanto da língua – “espelho do povo” – quanto da literatura – “a língua é reservatório e conteúdo da literatura”, como escreve já em seus *Fragments* de 1767 –, antagônica à definição aristocrática francesa predominante, revoluciona a noção de legitimidade literária e consequentemente as regras do jogo literário internacional. Ela supõe que o próprio povo sirva de reservatório e de matriz literários, e portanto que se pudesse a partir de então avaliar a “grandeza” de uma literatura pela importância ou pela “autenticidade” de suas tradições populares. (CASANOVA, 2002: 102-103)

Dessa forma, a ênfase na cultura popular como fator de determinação da grandeza de uma língua, literatura, povo e nação faz com que surjam coletâneas de poemas e canções populares por grande parte da Europa, em um esforço de se legitimar suas respectivas nações.

Foi nesse momento, no auge do Romantismo, que se desenvolveu a utopia da narrativa primordial, isto é, o ideal segundo o qual a pesquisa por textos orais populares remontaria a uma única narrativa, a partir da qual todos os textos relatados teriam se derivado, e que conteria a “alma” do povo. É a partir desse ideal que analisamos o fenômeno literário da **Kalevala**.

A **Kalevala**, épico nacional finlandês, narra as desventuras de três magos: o velho e sábio Vainamoinen, o talentoso e dedicado Ilmarinen, o intempestivo e igualmente talentoso Lemmikainen, e sua busca por belas damas para desposarem e por solucionar problemas fantásticos que eles mesmos causaram.

Para compreendermos a representatividade da epopéia em questão precisamos analisar brevemente o contexto histórico finlandês e a influência do período Romântico em sua constituição.

O curso de dominação colonial finlandês começou ainda no século VI, quando a Suécia anexa sua costa oeste para beneficiar-se da pesca por lá realizada. Esse momento é de vital importância para o estudo aqui feito, pois é o primeiro registro documental feito a respeito do território que viria a se tornar a Finlândia. O país já entra na História passivamente, tendo sua narrativa contada por outrem.

A Rússia, entretanto, também tinha interesse no território finlandês e realizou diversas incursões bélicas em seu território até que a Suécia o cedesse no início do século XVIII.

Assim, a sina de ser dominado e ter sua história contada por vizinhos mais poderosos continuava e nessa fase, a Rússia difundiu a visão de que a Finlândia seria um país menor, andando

na corda bamba das dominações estrangeiras. Tal concepção perdura, em larga medida, até os dias atuais, tendo sido reforçada no pós 2ª Guerra Mundial, quando do massacre russo.

Como afirma o historiador finlandês Max Jakobson, “(...) a Finlândia está eternamente à mercê do colunista itinerante que, após o almoço e os coquetéis em Helsinque este pronto a se pronunciar a respeito do destino do povo finlandês”. (JAKOBSON, 1987, p.8)

A independência finlandesa ocorreu em 1917, diante da conjuntura política da Revolução Russa, por conta da falta de interesse do novo regime no território e em seu povo, não havendo, assim, heróis ou símbolos da independência. Seria equivocado concluir, no entanto, que os finlandeses não contaram sua história. Sua narrativa histórica foi metafórica, musical e literária, tendo seu maior representante no épico nacional **Kalevala**.

O Período Romântico foi de vital importância para a narrativa histórico-poética dos finlandeses. Foi nesse período artístico que surgiu o projeto de se registrar as canções épicas ainda cantadas nas remotas regiões da Carélia do Norte e, assim, revitalizar a cultura e a língua finlandesas.

O que é o Romantismo? Uma escola, uma tendência, uma forma, um fenômeno histórico, um estado de espírito? Provavelmente tudo isso junto e cada item separado. (...) Mas o Romantismo designa também uma emergência histórica, um evento sócio-cultural. (GUINSBURG, 2005. p.13-14)

Nos países periféricos da Europa houve um processo retardatário e, quando em 1848 o fracasso da onda de revoluções européias decretava o fim das utopias do movimento, o mesmo ainda florescia nos contextos nórdicos abordados.

No contexto finlandês, foco deste estudo, houve primazia na busca de tradições populares, como um esforço de afirmação cultural após sete séculos de dominação política oficial, primeiramente pela Suécia e, por fim, pela Rússia.

Mais de uma geração se empenhou em tal tarefa, mas foi o médico e professor de finlandês Elias Lönnrot que a concluiu em 1839. Lönnrot coletou cinquenta canções épicas, as reuniu de forma mais ou menos cronológica e lhes deu um nome inspirador: **Terra de Heróis**.

No período de mais de meio século em que foi dominante na Europa o movimento Romântico teve variações segundo suas correntes, segundo o local em que se deram e o nível de radicalismo de suas propostas, mas é interessante frisar que houve determinadas características quase universais no movimento, a saber: o anticlassicismo, expresso normalmente na rejeição de formas e modelos clássicos, no contexto finlandês representado pelos modelos dos colonizadores de narrativas bélicas e heróicas.

Além dessa há o individualismo, expresso na visão de Elias Lönnrot, estudioso que coletou e organizou as canções épicas finlandesas que hoje formam a **Kalevala**, como aquele que salvou a tradição e a língua finlandesas, sendo que a coleta de poemas e a elaboração de uma gramática finlandesa foram o esforço de gerações; o rompimento com a normatividade e com os excessos do racionalismo, no poema aqui estudado, expresso nas atitudes pouco usuais para um herói épico, por exemplo, quando Lemmikainen invade a festa de casamento de Ilmarinen, e na estruturação do poema com seu ritmo e aliterações originais, considerados mais ligados à cultura popular do que à tradição épica.

Victor Hugo, em seu prefácio para a obra **Cromwell**, de 1827, apontava igualmente para características de mistura de gêneros, de rejeição a regras, de recusa da imitação de modelos e de liberdade na arte. (HUGO, 2004, p. 08)

Além disso, o escritor ressalta a ligação única entre as representações grotescas e sublimes no contexto Romântico, fato que veio a nomear a obra **Do Grotesco e do Sublime**, hoje lida independentemente de **Cromwell**.

Seria superabundante fazermos sobressair a influência do grotesco na terceira civilização. Tudo demonstra, na época dita romântica, sua aliança íntima e criadora com o belo. Até as mais ingênuas lendas populares explicam, algumas vezes, com admirável instinto, este mistério da arte moderna. A Antiguidade não teria feito **A Bela e a Fera**. (HUGO, 2004, p.39).

No âmbito da **Kalevala**, a relação entre sublime e grotesco se dá inúmeras vezes, com destaque para o episódio em que Väinämöinen derrota um monstro e arranca sua mandíbula, para assim criar um instrumento musical, o *kantele*, usado para entoar as canções épicas finlandesas.

Väinämöinen, velho ministrel

(...)

Toma a harpa por ele criada

Em suas mãos a harpa de osso de peixe

(...)

Então o cantor de Vainola

Levou a harpa para sua criação.<sup>1</sup> (tradução nossa)

As características vistas eram um reflexo da queda da aristocracia e ascensão da burguesia, ou, na Finlândia, de queda das dominações coloniais e ascensão dos governos autóctones, em processo análogo às colônias latino americanas, assim como do próprio Brasil. Assim, a presença da

---

<sup>1</sup> Na versão de John Martin Crawford: WAINAMOINEN, ancient minstrel, (...)Takes the harp by him created, / In his hands the harp of fish-bone, (...)Then the singer of Wainola / Took the harp of his creation. (Runa 41)

exaltação da cor local e a busca por forjar um passado glorioso representam um paralelo entre nosso romantismo e aquele manifestado no contexto escandinavo.

Considerando-se o contexto finlandês, também o goticismo é de grande importância. Na própria **Kalevala** há passagens amplamente góticas, por exemplo, a da tragédia de Kullervo, uma história independente na **Kalevala** na qual um jovem é considerado o único sobrevivente de uma guerra entre dois clãs. Ele é vendido como servo, maltratado por sua mestra, a donzela de Pohjola, foge, encontra parentes que julgava mortos, conhece, se apaixona e seduz uma moça que mais tarde se descobre ser sua irmã. Ela se suicida, ele assassina a família do tio, que iniciou a guerra, e esse mesmo clã mata sua família. Como a irmã, Kullervo acaba tirando a própria vida.

Na música e artes há provavelmente mais apelo para o gótico hoje em dia na Finlândia do que em qualquer outro país do mundo existindo, de fato, a definição de gótico enquanto estilo musical.

As relações entre a **Kalevala** e a música vão além do estilo gótico, há inúmeros exemplos de gravações do poema cantado com o acompanhamento do *kantele* ou com outros instrumentos combinados e, na música popular, além exemplos de produções que contam a história do poema, dividindo as passagens do mesmo em faixas temáticas, como no caso de **Tales from a thousand lakes**, ou seja, Contos dos mil lagos, da banda finlandesa Amorphis.

O Romantismo, foi, como já afirmamos, um movimento artístico, social e político desde sua gestação: o movimento alemão *Sturm und Drang*, revolução cultural e espiritual de denominação bélica que ocorre entre 1770 e 1785, opôs-se à influência francesa e ao racionalismo iluminista e deu destaque aos ideais de Herder, principalmente no que tange às literaturas de inspiração nacional.

Outro marco inicial simbólico e, por que não, romantizado do movimento se deu com a Revolução Francesa, a qual instaurou a possibilidade de mudança radical da história. O marco da Revolução Francesa e, em menor grau, da Revolução Industrial, não iniciou, portanto, o movimento, mas concedeu-lhe foco, em uma perspectiva carregada de posições sociais utópicas.

Os Românticos perderam, na visão de Aléxis de Tocqueville, dessa forma, “(...) o interesse pelo que era, para pensar no que podia ser, e desse modo viveu-se pelo espírito nessa cidade ideal que os escritores haviam construído”. (SALIBA, 2003, p. 86)

Na epopéia discutida esse fato é latente, pois a ação se passa não na Finlândia ou na região da Carélia e sim nas planícies da **Kalevala**, ou seja, na própria Terra de Heróis.

Foi nesse contexto que floresceram as utopias românticas, conectadas tanto a um passado normalmente idealizado, quanto a um futuro proposto, e que se davam tanto na esfera social e coletiva quanto nos contextos individuais de busca de liberdade estética.

A busca de um passado idealizado estava também relacionada ao messianismo característico do movimento, no qual o poeta assume a posição de criador de mundos possíveis. Esse messianismo estava imbricado na imagem de isolamento e de introspecção do poeta Romântico.

No âmbito finlandês há inúmeras representações de Elias Lonnröt, que coletou a **Kalevala**, como um caminhante solitário, em busca da verdade contida na história ancestral de seu povo. Essa representação dialoga, assim, com a idéia romântica de poeta enquanto profeta, ou como mensageiro de verdades superiores.

A percepção messiânica permeia igualmente os novos conceitos de povo e nação, com um tom peculiar do movimento Romântico de questionar a fronteira entre o discurso literário e o discurso histórico. Tal conexão se deu, primeiramente, por conta de os escritores Românticos terem uma intensa ligação com um passado normalmente medieval e via de regra idealizado e buscavam transpô-lo para o presente, normalmente na forma de romances históricos.

Por outro lado, os próprios historiadores do período foram atraídos pelo refúgio no passado e passam a escrever de forma também romantizada, criando diversos pontos de interconexão entre literatura e história.

O Romantismo, considerado um processo sócio-cultural, instala uma consciência histórica sem precedentes no contexto ocidental e o discurso que se pretende não ficcional passa por uma reformulação, ao se tornar tanto interpretativo como formativo. É neste sentido que o discurso factual passa a conviver com estratégias de mitificação, na elaboração de um passado glorioso e mítico para a Finlândia a partir da **Kalevala**.

Neste ponto voltamos às análises de Victor Hugo acerca do período Romântico, tendo em vista sua consciência da conexão entre discurso histórico e literário, com particular destaque às narrativas épicas:

(...) A epopéia tomará várias formas, mas jamais perderá seu caráter. (...) Se os historiadores, contemporâneos necessários desta segunda idade do mundo, se põem a recolher tradições e começam a considerar os séculos, eles o fazem em vão, a cronologia não pode expulsar a poesia; a história permanece epopéia. Heródoto é Homero. (HUGO, 2004:19)

No cerne das iniciativas românticas, se deu, assim, um diálogo entre erudito e popular, expresso, por exemplo, na coleta de narrativas e canções populares feitas por escritores renomados. Outra mudança concomitante aos ideais Românticos foi o desenvolvimento de novas forças sociais e novos credos filosóficos que se conjugaram no assalto às velhas instituições que já apresentavam sinais de fissura e anacronismo (GUINSBURG, 2005, p.24).

Além disso, com a formação e consolidação dos Estados Nacionais houve a necessidade de elaboração de símbolos e temas que representassem a conexão entre as pessoas das novas comunidades, gerando a mística de povo, ou seja, a ilusão de passado conjunto, sendo que um dos principais meios de construção de tais simbologias foi a própria literatura.

Outra característica geral da corrente restitutionista é que seus representantes mais notáveis são em sua maioria *litteratos*. Se ela se expressa também na filosofia (Novalis) e na teoria política (Adam Muller), por exemplo, não é menos verdade que foram principalmente artistas que tiveram afinidades com tal visão. Parece-nos que a predominância de artistas se explica sobretudo pela evidência crescente do caráter irrealista, até mesmo *irrealizável* da aspiração à restituição de um período do passado perdido para sempre. O sonho do retorno à Idade Média (ou a uma sociedade agrária) tem, no entanto, um grande poder de sugestão no plano da imaginação e se presta a projeções visionárias. Ele atrairia, portanto, primeiramente, as sensibilidades que se orientam para a dimensão simbólica e estética. (LÖWY e SAYRE, 1993:42)

Pode-se perceber, assim, que a relação do movimento Romântico com os passados idealizados e futuros utópicos se revela igualmente no campo estético e literário, fato latente no contexto finlandês, uma vez que a *Kalevala* criou um passado romantizado que possibilitou a construção de um futuro próximo da utopia de independência do país.

Vale ressaltar que não se trata da procura por qualquer passado idealizado, e sim, por aquele que simbolizaria a origem da comunidade que o busca.

No terreno religioso e filosófico, mas sobretudo no campo do político, assistimos a um regresso não contível do originário, ou, melhor, em um regresso coletivo para o originário. (...) a origem se oferece como um pretexto a partir do qual se poderá outra vez valorizar, discriminar e decidir. Note-se que se apela aqui à origem, não simplesmente ao passado.<sup>2</sup> (tradução nossa)

A origem, no caso finlandês, revelou-se uma reelaboração literária que fundamentou toda uma simbologia nacional, constituindo-se em um caso único segundo o qual a utopia da narrativa original é recriada até a contemporaneidade.

---

<sup>2</sup> SAVATER, Fernando. *El Mito nacionalista*. Madri: Alianza Cien, 1996. p:07.

Texto original: En el terreno religioso y filosófico, pero sobre todo en el campo de lo político, asistimos a un regreso incontenible de lo originario o, más bien, en un regreso colectivo hacia lo originario. (...) El origen se ofrece como un asidero a partir del cual se podrá otra vez con firmeza valorar, discriminar y decidir. Nótese que se apela aquí al origen, no sencillamente al pasado.



**Referências bibliográficas:**

CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CITELLI, Adilson. **Romantismo**. São Paulo: Ática, 2002.

GUINSBURG, J. **Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

HUGO, Victor. (Trad: Célia Berrettini). **Do grotesco e do sublime**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

JAKOBSON, Max. **Finland: Myth and reality**. Helsinque: Otava, 1987.

KLINGE, Matti. **Breve História da Finlândia**. Brasília, Escopo, s/d.

LONNROT, Elias & BOSLEY, Keith (trad.) **The Kalevala**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

LÖWY, Michael e SAYRE, Robert. (Trad.: OLIVEIRA, Eloísa de Araújo) **Romantismo e Política**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

SALIBA, Elias Thomé. **As Utopias Românticas**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SAVATER, Fernando. **El Mito nacionalista**. Madri: Alianza Cien, 1996

VALE, Augustin Besave Fernandes Del. **El Romaticismo Alemán**. Monterrey: Centro de Estudios Humanisticos, 1964.